

A humanidade que o Brasil vai perder

Façamos uma pausa na crise política aberta pelo plano Barreto Pinto-Gaspar Dutra, que abre caminho ao plano Nereu-Getulio, do qual havemos de nos ocupar quando houver tempo. Deixemos que os vermes se mexam — e olhemos um pouco este triste, solitário Brasil.

A densidade global deste país é de 8 habitantes por quilômetro quadrado. *Deserto* é o nome pelo qual a geopolítica designa toda região cuja densidade não excede de um habitante por km². A maior parte do Brasil, segundo essa classificação, é composta de desertos, do ponto de vista humano, como do ponto de vista econômico e político.

A conclusão se impõe: se o Brasil continuar deserto, num mundo faminto de espaço para multidões deslocadas, acabará povoado à força, pela conquista ou pela desagregação, ambas causadas pelo perecimento cada vez mais rápido, cada vez mais intenso.

A guerra destruiu a estrutura industrial de várias nações. Criou excessos de população de primeira ordem, qualificada profissional e moralmente para uma grande obra de recuperação humana e de revalorização econômica. Nas zonas de ocupação militar aliada concentraram-se para mais de um milhão de indivíduos, cuja subsistência está sendo custeada pelas Nações Unidas, que despendem, para esse fim, mais de 4 milhões de dólares por mês. Ali se encontram técnicos, agricultores, trabalhadores qualificados. Houve oportunidade para o Brasil recrutar, entre essas criaturas de Deus, centenas de milhares de "deslocados" cujo transporte as Nações Unidas custeariam, ajudando-os ainda a se instalarem no Brasil.

O antigo presidente do Conselho de Imigração e Colonização, atual delegado do Brasil ao Comitê Central da UNRRA, embaixador João Carlos Muniz, não se tem cansado de chamar para o assunto a atenção do Governo. O seu *leit motiv* tem sido lisamente este: a melhor gente irá para o país que primeiro a recrutar. Quem chegar tarde ficará com a escória.

"Displaced Persons" (Deslocados), ou na abreviatura consagrada, "DP", é como o pessoal da UNRRA denomina essas criaturas fichadas nos Centros de Controle sediados em Arolsen e nas agências dos quatro distritos subordinados, em Stuttgart, Wiesbaden, Regensburg e Munique. Cada refugiado, no fichário atualizado da UNRRA, dispõe de exames de sangue (reação de Wassermann), de urina e radiografia pulmonar. Além da cooperação hospitalar normal, as autoridades encarregadas de selecionar emigrantes encontrarão nessas regiões a cooperação da Cruz Vermelha, especialmente da Suíça e da França, que ali concentraram os seus trabalhos.

Pequeno mas excelente grupo de brasileiros, inclusive médicos, figura entre os funcionários da UNRRA, com excelente fé de ofício, capaz de inspirar confiança. O pessoal da UNRRA considera que cada pequeno grupo de seleção, composto de um médico, um técnico de imigração e um escrivão pode selecionar 2 a 3 mil pessoas por mês, à vista das informações já concatenadas sobre cada um dos deslocados nos referidos campos. Não haveria maior despesa, pois o próprio pessoal brasileiro da UNRRA seria aproveitado nesse trabalho de seleção.

Até agora, porém, depois de meses a fio, que tem feito o Governo? O atual herdeiro da ditadura o mesmo horror à imigração, além da mesma incapacidade para compreensão do problema do povoamento — sem cuja solução a civilização é impossível. Enquanto isto, lê-se no Boletim da UNRRA (edição de 22 de abril último), a pequena Bélgica resolve receber 20.000 trabalhadores para as suas minas, a França 300.000 para as suas lavuras, a Argentina — bem, da Argentina já se tem ocupado o nosso frequente vizinho desta página, o sr. Augusto Frederico

poucos imigrantes que recebemos, aparte os indesejáveis japoneses "dirigidos", que entraram em proporção maior do que o fixado em lei, e só não entraram mais por um sábio dispositivo da Constituição de 34, figuraram, além de alguns valores autênticos, aqueles que podiam pagar muito caro o preço da sua chegada a portos brasileiros. Era uma questão de dinheiro à vista, não de possibilidades de produzir e de contribuir para o desenvolvimento nacional.

Depois, foi a fase do sr. João Alberto no Conselho de Imigração. Muita conversa fiada, muita viagem aos Estados Unidos — e sequer resposta aos ofícios, cartas e telegramas dos próprios enviados do Conselho à Europa, destituídos de autoridade para resolver. E tudo acabou naquele grotesco episódio da viagem de um navio do Lóide à Itália, convencidos de que estavam os improvisadores nacionais de que o barco voltaria pejado de imigrantes, os quais não vieram porque nem o Governo italiano queria vê-los morrer de fome pelo caminho.

Finalmente em 1946 o Conselho de Imigração e Colonização entrou em contacto com o Comitê Intergovernamental de Refugiados. Mas — aqui começa o preconceito e a estupidez oficial, combinados com a rotina, a inércia, que sei eu, talvez a "vocaçao suicida".

Começou uma luta surda, que prossegue no atual Conselho, entre dois grupos — ambos privados de autoridade e de iniciativa. De um lado, os que desejam principalmente imigrantes, sem olhar a sua origem racial. De outro, os que insistem pela preliminar da origem latino-mediterrânea (portugueses, espanhóis, italianos) do imigrante em perspectiva.

Bonita luta, não há duvida, cheia de citações e de receios eruditos. Mas o caso é que a imigração de origem latino-mediterrânea, pelas dificuldades de transporte, de custeio, das próprias imposições criadas pelos respectivos governos, está praticamente estancada. Enquanto de outro lado, isto é, por parte daqueles que preferem a imigração, apenas, deixando de parte exigências raciais para se contentar com as de ordem moral, cultural e econômica, militam precisamente as facilidades concedidas pelos órgãos especializados das Nações Unidas.

Estabeleceu-se no Brasil grande confusão, não de todo desintencional, entre os "campos de deslocados" e os campos de concentração. As "displaced persons" são pessoas afastadas de seus lares pela guerra, pela invasão, pela ocupação, e que de outro modo, isto é, se não houvesse a guerra, ainda estariam — e para sempre — em volta da lareira cozinhando os pacíficos serões dos dias afanosos. Através de território alemão, em direção às águas do Atlântico, foram empurradas consideráveis massas humanas, tocadas como folha seca pelos ventos do nazismo e, depois, pela equivalente ocupação russa. A Rússia tudo tem feito para recuperar essa mão-de-obra. Quando a Suécia se viu obrigada a entregar os cidadãos dos países bálticos que lá se encontravam refugiados, por exigência russa, os suicídios foram frequentes e os sobreviventes embarcaram chorando. — Eis apenas um exemplo. Outro exemplo, que é aliás do conhecimento do embaixador Raul Fernandes, pois foi sua excelência que me mostrou, num jornal de Paris, a notícia perdida numa carta de leitor afilto: num navio que saía de um porto francês, autoridades da polícia russa subiram a bordo e dali retiraram cidadãos poloneses que, com os seus documentos em ordem, pretendiam seguir viagem rumo à América do Sul. Precisamos de gente, de braços, de almas? Sem duvida. Podemos conseguir imediatamente esse material de construção? Evidentemente. E será bom material, esse? Basta ver as referências, o resultado dos exames, as fotografias, a documentação que, aliás, já de há muito está nas mãos do Governo.

MEMORIA
PRODUTOR
DA
A situação

Hoje, o sr. ...
veira, presidente
Nacional do
uma audiência
Republica par
morial em qu
e apontam sol
blemas da or
ceira.

Ontem, pela
da Confederaç
mércio reuniu
Federações de
mo os partid
conclave que
nesta capital,
do texto do
se aprovação
se observando
selho Diretor
mercial.

Terminada a
selho, a que c
estaduais do c
os srs. Osorio
Marques, de M
de do Sul, r
ram os srs. J
legado do com
João Arieta, e
Comercial, foc
atual de nego
de sapatos, os
com forte cri
ram obrigados
operações en
medidas oficia
tadas, vendo-s
cia de concor
Após ouvi-l
de Oliveira c
logo termina
manter uma c
cada antes, co
Gomes da Sil
Comissão Cen
quem transm
pressões desse

GARGANTA
DR ANTONIO
Livre docen
Chefe de Serv
corvo Filho —
roso 97, 5º pa
Das 14 às 17

QUEREM AUM
Os operários
de São Paulo
conseguir aum
Nesse sentido,
dissídio coletiv
trabalhista. O
assunto foi, re
pelo ministro
gueiredo ao g
dade federativ

**ANEMIA
CONVA**
**AC
ING
"GRA**
O PREFEITO

E o Brasil? Finalmente resolveu aceitar, a título experimental, 1.000 pessoas. Que experiência será esta? Ao cabo da singular experiência, o que há de melhor na emigração européia se terá escoado para países mais inteligentes. E o deserto, que se havia proposto inicialmente a aceitar 35.000 "deslocados", terá recebido apenas 1.000 — afora os que entram isoladamente, de contrabando, pagando os olhos da cara para brindar o país com a sua triste inutilidade.

Agências especiais de imigração estão montadas pela Argentina e pelo Chile em Zurich, com pessoal competente, distribuindo formulários entre os "deslocados" ou refugiados, a fim de atrair agricultores, técnicos e operários especializados. Os argentinos não só redigem inteligentemente os seus boletins como proporcionam garantias formais quanto à aclimação e tratamento.

Eis como o Brasil vai perdendo a sua grande oportunidade de povoamento neste século.

* * *

Curioso é que não só o Governo resiste a esse ato de coragem e patriotismo. Também certos elementos ditos "de esquerda" se rebelam contra a importação de gente para ajudar a povoar, a trabalhar, a recuperar o território e a riqueza do país. Onde está a explicação?

E' simples. A Rússia sempre se opôs, por todos os meios, á imigração desses refugiados, que são principalmente poloneses, filhos dos países bálticos anexados pelo imperialismo de Stalin, ucranianos (e note-se, em tempo, para os que têm alergia pelo judeu, este se encontra em campos separados, em zona inglesa, em sua maioria, e têm classificação especial). Não interessa á Rússia a saída desse trabalho que, dirigido por uma ditadura habituada á mão-de-obra escrava, pode operar milagres.

Entre as notas que tenho colhido e os depoimentos que recebo, figuram informações curiosas e dignas da atenção publica. De uma delas copio literalmente este trecho:

"entre as 'displaced persons' há milhares de elementos de primeira ordem, que jámais teriam emigrado de seus países, em condições normais. Se você quiser, poderá reunir, em duas semanas, num ponto qualquer da Alemanha, por exemplo, 100 professores de filosofia ou 1.300 lapidadores de diamantes ou 10.000 antigos proprietários de granjas e sítios, que se recusam a voltar ás suas terras na Finlândia ou na Letônia por medo de represálias dos russos ou simples inconformidade com o regime soviético."

No entanto — e aí está um ponto em que a inépcia do Governo se combina com a solércia da propaganda russa — repetem-se *slogans* muito gratos aos interesses dessa ultima, dizendo que essa gente é a escória do mundo. Ninguém negaria que haverá, entre os "deslocados", milhares de indesejáveis. Mas, será este um motivo para desprezar as centenas de milhares de excelentes elementos, entre os quais o unico embaraço nosso devia ser o da escolha?

O que sobrar de criaturas aproveitáveis, no fundo desse balaio de fugas e renúncias, depois que os países inteligentes forem buscar a sua colheita de valores e de almas, por certo não convirá ao Brasil. Então ficaremos muito contentes com a nossa esperteza: "Viu? Eu não dizia? Veja o que ficou no fundo!" E os refugiados estarão produzindo na Argentina, na Austrália, na Bélgica, na França...

* * *

A imigração e colonização, no Brasil, tem uma longa história que já uma vez, anonimamente, em tempos de vergonha para a imprensa, procurei estudar numa reportagem. ("A colonização alemã no Brasil" in "Observador Econômico", 1938). Não é este o lugar nem o momento para traçar um quadro do desenvolvimento da política imigratória do Império, seus malogros e seus êxitos. Tomemos rapidamente o problema na fase getuliana, quando — por exemplo — nem o Sindicato dos Diamantários conseguiu demover o imbecil ditador do seu horror ao imigrante, o que nos privou de receber, quando da primeira onda hitlerista na Europa, famílias inteiras de seculares lapidadores holandeses, que se dirigiram aos Estados Unidos e á União Sul-Africana. Entre os

que as está enfurnando para evitar que elas cheguem ao conhecimento do público.

E ainda mais: para a vinda dos deslocados de guerra, teríamos agora aquilo que nos falta habitualmente para promover uma colonização adequada: dinheiro. O Comitê Intergovernamental de Refugiados (I. G. C. R.) dispõe-se não só a proporcionar transporte como a contribuir para as despesas de instalação do imigrante.

Em agosto de 1946 uma comissão desse órgão mundial percorreu de avião, de automóvel, de trem, oito mil quilômetros do território nacional. Depois dessa visita, recomendou aos dirigentes da organização, sediada em Londres, a assinatura de um acordo com o Governo brasileiro, minutado por brasileiros, para a vinda de 60.000 pessoas destinadas á agricultura e á industria — desde o lavrador fisicamente apto ao especialista de ótica. Paralelamente o Paraguai e a Venezuela dispunham-se a receber esses imigrantes e a Argentina punha em execução um vasto plano de colonização, com "deslocados", em Misiones.

Quando o Brasil, mandou a Berlim — sede da administração aliada dos campos de deslocados — uma comissão cujos componentes foram designados pelos ministérios do Exterior e da Educação e Saude.

Mas dos 60.000 passou-se a 35.000. E agora estamos em mil, a título experimental... Sabem o que são mil imigrantes para o deserto brasileiro? Pior do que nada, porque se diluem sem deixar vestígio, como um pensamento sensato na cabeça do Barreto Pinto.

* * *

Do ponto de vista legal, o Governo sequer constituiu, ainda, o órgão unico que, de acordo com a Constituição, deverá englobar todo o trabalho relativo á imigração. Existe um projeto na Camara. O próprio Executivo credenciou um "coordenador" de assuntos de imigração. Mas — e daí? Qual é a política imigratória do Governo? Em que consiste? Que pretende? Para onde vai? Onde fica? Lancem uma sonda no vácuo e chegarão ao mesmo resultado.

Uma politicagem sórdida rodela os órgãos teoricamente encarregados do assunto. Em vão, de Hannover, em artigo para este jornal, clamava, em abril ultimo, o dr. Gavião Gonzaga pela liberdade de escolha e autoridade de decisão para a comissão brasileira que está na Europa. Em vão demonstrava a aptidão dos "deslocados" — que, "sob o ponto de vista profissional, 70% constam de agricultores caejados nas lides da lavoura e 30% de técnicos especializados e de artesãos de diversos tipos de trabalho."

* * *

Perde o Brasil uma excelente parte da humanidade que poderia ser sua, pelo trabalho, pelo amor cavado e solancado de sol a sol, pelos olhos de seus filhos e os calos de suas mãos, pelo ventre das mulheres e a paz dos avós, pela fumaça das cozinhas e as couves das hortas, pelo mugido do gado e o ranger das polias, pela mistura de louros e morenos, pelo povoamento dos desertos, a abertura das picadas, o espanto dos mosquitos e a palidez do amarelão, pelo grito saneador e o susto dos descobrimentos, pelas estradas abertas, pelos caminhões de aves e ovos, pelo alvo leite a escorrer da boca pequenina — a boca da nova brasileira gerada na dor e no abandono, jungida ao Brasil pela amorosa escravidão da alma ressurreta.

Mas vamos perder tudo, tudo. Está escrito que devemos perder tudo, porque somos burros, porque temos um Governo burro, porque há uma burrice geral no ar, que contamina tudo. Aqui os burros não olham para os palácios. Moram neles. O egoísmo vai matar esta nação, fechando-a a toda compreensão. Ficaremos impermeáveis, sucumbiremos na mediocridade.

Só um grande amor salvará este país: o amor ao gênero humano, que morre longe de nós como ao pé de nós fenecem as crianças dos morros e os pescadores das praias, entre a indiferença dos fortes e o egoísmo dos ricos.

Há uma Revolução a fazer no Brasil. Não a do ódio, mas a do amor. Está é a Revolução do Brasil, para recuperar a sua humanidade.

CARLOS LACERDA

GOES NAO

O prefeito do recebido em quartas-feiras, Republica.

Ontem, porém do de Goes não lácio do Catet despacho.

O expediente levado ao gen pelo secretário ra, sr. Heitor O

PASTA I
S.S.
O DENTIER
PARA HIGI
VAÇÃO

LANGSNER V

Adolfo Maxim denunciado e p extinto Tribu acusado de es Brasil. Achand ra submetido a são, já tendo a taria com tal conformando, pus" ao Supre de que tal meo primimento.

A hipótese t ministro Hah que expôs, ont o caso. Por de "habeas-corpus

Std. 27